

O SAGRADO E O PROFANO: AS TERRITORIALIDADES DA FESTA DO SANTÍSSIMO SALVADOR EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Júlio César Mascoto de Souza

Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil

juliomascoto@id.uff.br

Antonio Bernardes

Universidade Federal Fluminense Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brasil

antoniobernardes@id.uff.br

Resumo

Este manuscrito possui como objetivo o estudo da 365ª Festa do Santíssimo Salvador no contexto simbólico e cultural na cidade de Campos dos Goytacazes, Norte do Estado do Rio de Janeiro. Partimos da interpretação do território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador e a territorialidade religiosa da Festa do Santíssimo Salvador em direção a interpretação da procissão festiva como maior símbolo da identidade religiosa da cidade. Foi por este caminho que buscamos interpretar os simbolismos presentes no território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador e das diversas territorialidades presentes na 365ª Festa do Santíssimo Salvador. Como metodologia de pesquisa, que amparou o desenvolvimento deste manuscrito, nos baseamos na pesquisa documental realizada no Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, na observação sistemática durante a 365ª festa do Santíssimo Salvador e na aplicação de questionários com os participantes presentes na Festa no dia 06 de agosto de 2017.

Palavras-chave: Cultura; Religião; Território.

THE SACRED AND THE PROFANE: THE TERRITORIALITIES OF THE FEAST OF THE SANTÍSSIMO SALVADOR IN CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Abstract

This paper objective to study the 365th Festa do Santíssimo Salvador in the symbolic and cultural context in the city of Campos dos Goytacazes, North of the State of Rio de Janeiro, Brazil. We begin this interpretation for the religious territory of the Cathedral of Santíssimo Salvador and the religious territoriality of the Feast the Santíssimo Salvador searching for interpretation of the festive procession as the greatest symbol of the city's religious identity. Was this way we sought to interpret the symbolisms present in the religious territory of the Cathedral of the Santíssimo Salvador and the various territorialities of the 365th Feast of the Santíssimo Salvador. we has based as a research methodology on the documentary research developed at the Campos dos Goytacazes Historical Museum, on systematic observation during the 365th Feast of Santíssimo Salvador and on the application of questionnaires with the participants present at the Feast on the 6th August 2017.

Key-word: Culture; Religion; Territory.

LO SAGRADO Y LO PROFANO: LAS TERRITORIALIDADES DE LA FIESTA DEL SANTÍSSIMO SALVADOR EN CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Resumen

Este texto tiene objetiva el estudio de la 365ª Festa do Santíssimo Salvador por su aspectos simbólicos y culturales en la ciudad de Campos dos Goytacazes, al norte del estado de Río de Janeiro, Brasil. Empezamos la interpretación por el territorio religioso de la Catedral del Santíssimo Salvador y la territorialidad religiosa de la Fiesta del Santíssimo Salvador para, entonces, interpretar la procesión festiva que es el símbolo máximo de la identidad religiosa de la ciudad. Fue ese el camino que percurimos para interpretar los simbolismos presentes en el territorio religioso de la Catedral del Santíssimo Salvador y las distintas territorialidades de la 365ª Fiesta del Santíssimo Salvador. Para eso, hemos basado en la metodología de investigación documental, desarrollada en el Museo Histórico Campos dos Goytacazes, en la observación sistemática durante la 365 Fiesta del Santíssimo Salvador y en la aplicación de cuestionarios con los participantes presentes en la Fiesta del 6 de agosto de 2017.

Palabras-clave: Cultura; Religión; Territorio.

Introdução

Um pouco mais da metade da população campista se autodeclarou católica, ou seja, 232.568 pessoas (IBGE, 2017). Até podemos contestar em que medida este número é representativo na medida em que se declarar católico se confunde em ser cristão e pode ser uma afirmação de autopreservação num contexto que ainda há preconceitos com diversas religiões, sobretudo as afro-brasileiras, ainda mais nesta cidade do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, que foi das últimas cidades a abolir a escravatura no Brasil. Por um lado, podemos contestar os números. Por outro, não é possível negligenciar a representatividade que as festas católicas possuem na cidade, tanto que a Festa do Santíssimo Salvador é muito tradicional e acontece há 365 anos em Campos dos Goytacazes.

Trata-se de uma festividade dedicada ao santo padroeiro, Jesus Cristo. Por isto, a representatividade que ele possui extravasa o Catolicismo devido sincretismo religioso, sendo representado por diferentes religiões. Neste sentido, a Festa possui uma representatividade ampla para a população campista, tanto pelo padroeiro como pelo próprio local onde ela é celebrada, na Catedral do Santíssimo Salvador. Historicamente, a Catedral é uma referência toponímica e cultural presente no espaço urbano de Campos dos Goytacazes.

Desse modo, o objetivo deste manuscrito é o estudo tanto da Festa como do local onde ela se realiza, a Catedral e sua praça. Para tanto, buscamos contextualizá-las por meio de pesquisas documentais no arquivo do museu Histórico de Campos de Goytacazes, assim

como por meio de fotografias coletadas no *site* da Prefeitura municipal de Campos dos Goytacazes. Já pela observação sistemática, *in loco*, durante a 365ª festa do Santíssimo Salvador e trabalho de campo com aplicação de questionários semiestruturados com os participantes presentes na festa no dia 06 de agosto de 2017, nos possibilitou interpretar território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador e a territorialidade religiosa da 365ª festa do Santíssimo Salvador. Portanto, foi por meio das informações obtidas que nos possibilitou interpretar a origem do território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador e sua ligação com a ocupação do território de Campos dos Goytacazes.

Desenvolvimento

A construção simbólica do território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador: religião e colonização portuguesa

Ainda que já se tenha um corpo teórico-metodológico a respeito da temática da religião e do território desenvolvidos na perspectiva geográfica, o aprofundamento na temática em questão evidencia uma visão simbólica e cultural na construção do território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador, localizada na cidade de Campos dos Goytacazes.

O território que hoje formam a Região Norte e Noroeste Fluminense tiveram sua origem da capitania de São Tomé, que foi doada por Martim Afonso de Sá Souza para Pedro de Góis da Silveira e confirmada por D. João III, em 1536. No século XVII, em 1627, o Governo Colonial acabou por dividir a capitania em sesmarias e, posteriormente, foram doadas a sete capitães (FEYDIT, 2004, p.61). Segundo Faria (2006, p. 73) o local que mais interessou a sete capitães

[...] foi o local onde se localiza o município de Campos, especialmente a sua sede, a antiga vila de São Salvador de Campos, atual cidade de Campos dos Goytacazes, sendo, inclusive, a primeira vila a ser criada nesta região. Sua criação foi marcada por lutas de representações e inúmeros conflitos de interesses políticos e econômicos concernentes às propriedades e ao controle da Câmara Municipal.

Passados 50 anos, em 1677, estas novas terras foram palco da fundação da Vila de São Salvador. Junto a fundação da Vila, instaurou-se uma pequena capela dedicada ao Santíssimo Salvador. Inicialmente, o poder religioso andava de “mãos dadas” com o Governo Colonial e teve como objetivo o aldeamento e a catequização dos índios que viviam na região. A primeira capela erguida foi construída no ano de 1652 pelo donatário Salvador

Corrêa de Sá e Benevides (JORGE, 2015, p.4). Devido as transformações no território da antiga Vila, em 1678 a capela dedicada ao Santíssimo Padroeiro foi transferida para as margens do Rio Paraíba do Sul, localizando-se na área mais alta da planície.

A fundação da Vila estava circunscrita à construção da primeira capela. Poder-se-ia dizer que a formação da Vila se deu em dois momentos. Segundo Jorge (2015), o primeiro momento de fundação da Vila foi no século XVII, com a produção agrícola e criação de gado, e em meados do século XVIII, com a cana de açúcar; e, o segundo momento, relaciona-se a urbanização da cidade, a partir da construção da “praça principal” (atual praça do Santíssimo Salvador). O local de escolha para a construção da Praça marca o ponto central da cidade e foi considerado este local para se fugir dos recorrentes alagamentos e pelo fato de já haver uma igreja edificada (FARIA, 2006).

Em 1722, a Igreja do Santíssimo Salvador acabou sendo substituída por outra mais ampla, com uma estrutura maior, em acordo com o desenvolvimento da antiga Vila. Com o desenvolvimento da Vila, no entorno da Igreja e da Praça foram edificados novos casarões, edifícios, comércios e se instalando uma Delegacia, a Câmara dos vereadores, dentre outras construções públicas e privadas. Em 1835, Campos dos Goytacazes era o maior produtor de cana-de-açúcar da Província do Rio de Janeiro e detinha no seu território várias engenhocas e engenhos mantidos por meio da mão-de-obra escrava (CONCEIÇÃO, 2016).

Segundo Sousa (1935, p. 259), em 1835 a igreja “foi quem viu nascer a Villa de S. Salvador; foi quem viu nascer a capitania dos Goytacazes, foi quem doutrinou seus selvicolas-guarulhos proporcionando a esses campistas-nativos a salvação de Christo”. Nesse contexto, poder-se-ia dizer que a Catedral do Santíssimo Salvador participa da ocupação e ordenamento do território campista desde a colonização e a chegada de sete capitães. Assim, em devoção ao Santíssimo Salvador é celebrado pela Igreja Católica o dia do santo padroeiro.

A festa do Santíssimo Salvador é realizada em comemoração ao santo padroeiro, Jesus Cristo. Segundo Sousa (1935), as festas do padroeiro eram realizadas em frente às expensas da Câmara Municipal, até o ano de 1828. Nessa mesma época, a igreja necessitava de uma reforma para atender os fiéis e as celebrações religiosas.

O vereador Vigário João Carlos Monteiro em 1843 apresentou uma indicação para que a Câmara solicitasse do Governo Provincial a reconstrução do templo, o que foi feito não só naquela ocasião como também em 1844 e junho de 1857, quando o engenheiro da Municipalidade scientificou que as torres da igreja ameaçavam ruínas e perigo e que convinha quanto antes se fizesse a demolição das mesmas (SOUSA, 1935, p 260).

Por intermédio, as festas religiosas são apreendidas enquanto fenômeno social e religioso (CAMILO, 2018) que define seu território a age por meio do grupo religioso, pela produção do espaço sagrado e a produção dos simbolismos religiosos e a fé do grupo religioso. Segundo Sousa (1935), a festa do Santíssimo Salvador participa da própria história da igreja nas terras campistas, no entanto, elas ficavam restritas ao território religioso da própria igreja nos anos de 1856. As festividades em comemoração ao padroeiro eram realizadas pela população local, que era marcante tanto a cultura religiosa como a cultura local (SOUSA, 1935).

As festas do Divino atraíam muitos habitantes do interior, e do citado anno festeiro o comendador José Gomes da Fonseca Parayba, que promoveu a folia, um baile d mascarados em tablado na Praça Principal [Praça São Salvador] [...] por última vez foi feita aquella festa, na Matriz, no anno de 1855, com a folia e seus foliões vestidos de vermelho e ouro, capacetes rutilantes, assim o bando de encamisados e os mascarados bem vestidos (SOUSA, 1935, p. 269).

Já no século XX, em 1929, a Igreja do Santíssimo Salvador foi elevada para categoria de Catedral. Nesse mesmo período o templo foi demolido, para que pudesse ser edificado uma Igreja maior, dando lugar à atual Matriz (FEYDIT, 2004) (Figuras 1 e 2).

Figura 1: Matriz do Santíssimo Salvador em estilo arquitetônico barroco.



Fonte: Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, 2017.

Figura 2: Reconstrução da Matriz do Santíssimo Salvador.



Fonte: Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, 2017.

Sousa (1935) colocou que a igreja já se encontrava em ruínas e com a criação do Bispado em Campos dos Goytacazes ergue-se uma nova igreja e a Catedral. O novo templo erguido em estilo arquitetônico neoclássico deixou para trás o barroco (FEYDIT, 2004) (Figura 3).

Figura 3: Catedral do Santíssimo Salvador.



Fonte: PMCG, 2017.

Segundo Feydit (2004), o magnífico templo religioso tem em sua estrutura 32 vitrais, detalhadamente trabalhados, que foi obra de Dom Henrique Fernandes Morão, 1º Bispo de Campos dos Goytacazes, e do Monsenhor de Barros Uchôa. A inauguração da Catedral ocorreu em 1935 juntamente com a comemoração ao centenário da cidade. Em 1965, sob a ordem eclesiástica do Papa Paulo VI, a Catedral foi elevada à categoria de Basílica Menor (FEYDIT, 2004). Portanto, o território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador tornou-se símbolo religioso da cidade, sobretudo por acompanhar a ocupação do território da cidade e a representação imponente do poder religioso dentro de um campo de forças e de valores no espaço (ROSENDAHL, 1996).

Nesse contexto, tomamos que a festa religiosa em devoção a Jesus Cristo é, sobretudo, uma manifestação simbólica da cultura católica presente nas terras brasileiras desde a colonização portuguesa. A ocupação e delimitação do território da praça de São Salvador, localizada na área central da cidade em frente à Catedral, é controlado pelo poder religioso. No entanto, isso leva a inserção de diferentes sujeitos não religiosos e que não participam do grupo religioso. É nesse momento que a Igreja adentra o espaço profano e o

incorpora com o sagrado tornando-o espaço sagrado, pois há a presença da religião e da religiosidade.

No período inicial da Festa do Santíssimo Salvador, no dia do padroeiro da cidade vários eventos religiosos eram também realizados, por exemplo, neste dia santo eram realizados os batizados, dentre outras cerimônias religiosas. A cidade era enfeitada e vestida de flores. Os coretos eram iluminados. O ponto principal da festa era a missa campal na Praça da República, de onde saía a procissão às 15 horas em ponto, que percorria por todas as ruas do centro da cidade com o andor do padroeiro. **Já na época inicial às comemorações do Santíssimo Salvador, os eventos, não religiosos eram realizados, como: as tradicionais regatas; corrida ciclística; as bandas musicais (Lira de Apolo, Guarany, etc), responsáveis pelas apresentações musicais para a população¹ (CAMILO, 2018, p. 328-329, grifo nosso).**

O sagrado e o profano está presente na festividade religiosa, isto é, o sagrado e o profano se interagem, mas não se misturam (ROSENDAHL, 1996). Dessa forma, a festa religiosa continua a ser religiosa, mesmo com a inserção de novos agentes e sujeito que não participam diretamente do sagrado.

Figura 4: Reportagem do jornal Folha da manhã da década de 1980.



Fonte: Museu Histórico de Campos, 2017.

¹ Instituto Historiar, 2010.

Na festividade há a presença do sagrado e do profano:

No entanto, o sagrado presente na Festa do Santíssimo Salvador disputa o mesmo espaço com o profano, que é demonstrado pelas condutas e comportamentos atípicos ao verdadeiro significado desta tradição católica. Exemplo disso, são as inúmeras tendas / barracas presentes na referida festa que ofertam variadas comida e bebidas alcoólicas, bem como, shows de artistas não católicos que lotam a Praça do Santíssimo Salvador, promovendo assim um encontro entre grupos sociais distintos (um pluralismo religioso, social, racial, político, etc), após o marco principal desta festa que é a PROCISSÃO (CAMILO, 2018, p. 332).

Território e territorialidade religiosa: uma hierofania?

Partindo dos pressupostos desenvolvidos por Rosendahl (1996, 2005, 2011), baseado na teoria do sagrado e profano como elementos fundamentais por parte dos sistemas simbólicos que criam significados religiosos no espaço geográfico. O sagrado é algo místico e sobrenatural, vai além das ações do homem. Já o profano, portanto, é o oposto do sagrado, não há a manifestação do sagrado. O sagrado acaba por se vincular a algo mítico, religioso, “divino”. Segundo Rosendahl (1996, p. 27) “o sagrado manifesta-se sempre com uma realidade inteiramente diferente da realidade do cotidiano”, ou seja, é algo sobrenatural, criado pelo *imaginalis* da relação do imaginário do sujeito com o espaço.

Para Eliade (1959) o sagrado pode se manifestar por meio de qualquer *hierofania* e “não há apenas uma ruptura na homogeneidade de espaço, mas também se acaba por revelar uma realidade absoluta que não se opõem para a não realidade de uma imensa extensão que a envolve” (ELIADE, 1959, p. 36). Por meio dos sujeitos, participantes de dado grupo religioso, o sagrado acaba por ser reconhecido no espaço, seja no *imaginalis* ou no espaço, pois, segundo Santos (2009, p. 196, grifo nosso), “designa aos acontecimentos que envolve o sagrado e marca a transformação do espaço comum em lugar sagrado, *hierofania*”. A *hierofania* surge como “centro”, e este é entendido como um “ponto fixo absoluto”, a partir do qual se estrutura e ordena o território.

Para Haesbaert (2002) o conceito de território é abarcado por três dimensões: recursos naturais, relações simbólicas e relações sociais. Na primeira dimensão, o território é considerado como um recurso natural, isto é, com demarcações físicas desenhadas pelas formas naturais (geológica, geomorfológica, hidrológica etc.). Na segunda dimensão, o território abarcaria o campo simbólico interconectado à cultura e mediado por meio das relações de poder. A terceira dimensão do território participa das dimensões sociais, ou seja, aquelas ligadas ao campo econômico, político e biológico. Haesbaert (2004, p.2) ponderou

que essas dimensões acerca do conceito de território expõe a realidade do objeto estudado e deve ser entendido de forma relacional, considerando as relações de exercício do poder tanto no âmbito político e econômico quanto funcional e simbólico cultural.

O território “[...] pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (HAESBAERT, 2004, p.79). Portanto, o território mais estritamente no campo simbólico pode ancorar em diferentes dimensões, sobretudo, o campo do poder impregnado na sua essência – controle e ordenamento. Ou seja, o território é “[...] um espaço apropriado, ocupado e dominado por um grupo social para assegurar sua reprodução e satisfazer suas necessidades vitais, que podem ser tanto materiais como simbólicas” (CARBALLHO, 2009, p. 28, *tradução nossa*). Os símbolos, tornam-se, dessa maneira, formas materializadas no espaço que expressam a identidade do grupo por meio do território religioso.

Nesse sentido, o território religioso é ocupado e ordenado pelo poder religioso seguido pelo poder hierárquico da Igreja Católica – do clero aos leigos. O poder eclesiástico por meio das práticas religiosas e da produção e reprodução de simbolismos representam a cultura e identidade do catolicismo popular brasileiro² materializado no exercício da própria produção do espaço por meio da produção simbólica (material e imaterial) da fé, da religião e do grupo religioso. Segundo Rosendahl (1996, p. 30), o território religioso é, “um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência”. É “através dos símbolos, os mitos e os ritos, o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade” (ROSENDAHL, 1996, p. 30).

Segundo Benedetti (2000, p. 30) “O campo religioso é um conjunto estruturado de agentes institucionais intencionalmente unidos no interior de um arranjo mediatizado pelos interesses dos ‘leigos’ situados em uma classe social e pelos interesses próprios aos agentes religiosos”.

O campo de forças e valores no território religioso são orquestradas por meio do poder eclesiástico, pois controlam os simbolismos sagrados, as cantigas religiosas, ordenação de atos sagrados, realização de missas e cultos religiosos. “É pela existência de uma cultura que o território é criado; e é pelo território que uma cultura se fortalece, exprimindo-se a relação simbólica entre cultura e espaço”, aponta Bonnemaïson (1981 *apud* CÔRREA;

² Segundo Camilo (2018, p. 322) o catolicismo popular brasileiro originou-se por meio do “[...] catolicismo popular tradicional, transmitida pelos portugueses pobres que vieram juntos como os nobres e que se mantiveram nas áreas mais afastadas da sede da Corte Portuguesa no Brasil.

ROSENDAHL, 2012, p.13). O território religioso é mantido por meio das relações espaciais entre o poder eclesiástico e o grupo religioso, isto é, a sua própria territorialidade.

[Portanto], a territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas “algo abstrato”, num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter da abstração analítica, epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se referia não esteja concretamente manifestado – como conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos judeus, territorialidade que os acompanhou e impulsionou através dos tempos, ainda que não houvesse, concretamente, uma construção territorial correspondente (HAESBAERT, 2007, p.25).

É nessa perspectiva que a territorialidade religiosa da Catedral do Santíssimo Salvador é mantida por meio das relações espaciais ocorridas no exercício da fé do grupo religioso. A territorialidade religiosa é exercida por meio das relações espaciais de poder mais estritamente destinadas ao poder eclesiástico, isto é, ao sagrado e da maneira pela qual a Igreja Católica ordena os seus territórios religiosos. Por meio das relações espaciais de poder, pode-se estabelecer relações no campo do poder que envolva a dimensão político-cultural eclesiásticas que corresponde diretamente a um determinado grupo social, o grupo religioso que pela sua fé e religiosidade, isto é, por meio da sua territorialidade, mantém a essência e a existência do território religioso.

O grupo religioso exerce a função em produzir e reproduzir as práticas religiosas e simbólicas e corrobora com a existência do símbolo religioso e sua relação indissociável com o espaço geográfico e exprimindo, sobretudo, sua identidade religiosa na paisagem urbana da cidade de Campos dos Goytacazes. Por isto consideramos que a Catedral do Santíssimo Salvador é um *geossímbolo* (BONNEMAISON (1981 *apud* CÔRREA; ROSENDAHL, 2012)

Corroborando com Rosendahl (1996), para Lamego (2004, p. 121) a territorialidade religiosa “deve ser reconhecida fundamentalmente como uma ação, uma estratégia de poder e manutenção, independentemente do tamanho da área a ser dominado ou do caráter meramente quantitativo do agente dominador”. Nesse contexto, o território religioso da Catedral está destinado a um determinado grupo social, sendo este o grupo religioso, o agente que controla por intermédio da territorialidade religiosa exercida para a permanência da identidade e símbolo do território, identidade e memória religiosa.

A territorialidade religiosa é entendida por intermédio das forças de poder que é mantida pelo grupo religioso dentre a sua hierarquia eclesiástica e os leigos. Assim, para que o território religioso seja reconhecido e mantido é preciso que a territorialidade religiosa

esteja sempre controlando o território conquistado, ou seja, não basta dominá-lo, mas manter as relações de força e poder produtoras de simbolismos.

A territorialidade religiosa: a 365ª Festa do Santíssimo Salvador

As festas religiosas no Brasil têm seu marco na colonização e evangelização, “tendo em vista que não há como tecer comentários sobre a religião católica no Brasil sem considerar a constituição de territórios e difusão espacial por meio da colonização portuguesa”, aponta Camilo (2018, p. 320). Segundo Rosendahl (2005, p. 74) a festa religiosa é composta por elementos constituintes da própria Igreja católica junto as “tradições da cultura local”. As festas religiosas são realizadas por diferentes tipos de religiosos. Particularmente, no catolicismo popular brasileiro as festas são realizadas em devoção à imagem de um(a) determinado(a) santo(a) símbolo da religião.

Nessa perspectiva, segundo Jurkevics (2005, p.74) a festa religiosa “é um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções”. A festa é sempre uma experiência com o sobrenatural, momento onde as práticas religiosas são características da produção simbólica e da territorialidade do grupo religioso seja no espaço sagrado ou profano.

A festa é realizada em diferentes espaços – espaços sagrados e espaços profanos, e, portanto, apropria-se do espaço público da cidade e se territorializa por tempo definido no espaço profano, tornando-o território religioso. Este território é religioso porque carrega consigo os preceitos religiosos e no céu do seu território há a essência do sagrado. Isso se dá mediante a territorialidade do grupo religioso que age sempre conforme às necessidades de preservar e valorizar os costumes e a própria religião por intermédio das relações espaciais, forças de poder e da produção e reprodução simbólica, isto é, a territorialidade religiosa.

O território religioso da festa é mantido por meio dos simbolismos materiais e imateriais exercidos por meio da territorialidade religiosa. Ele é “impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social que o criou e o controla” (ROSENDAHL, 2005, p. 12933).

No caso da Festa do Santíssimo Salvador ela é territorializada e controlada pelo poder eclesiástico (o grupo religioso) junto com poder público municipal, justamente, porque ela é realizada na Praça em frente à Catedral. Todavia, os símbolos, as imagens, objetos religiosos,

canções religiosas, orações, etc. são delimitadas pelo grupo religioso que sustenta a identidade e sua constatação na construção e manutenção do território religioso e da territorialidade da Igreja Católica na cidade e na região, assim como a festividade que, via de regra, é o elemento chave que transcende a religião para além das fronteiras do seu território religioso.

Em 2017, a Catedral do Santíssimo Salvador celebrou a 365ª Festa em comemoração ao padroeiro da Igreja e da cidade de Campos dos Goytacazes. A festa iniciou no dia 28 de julho e seu término foi em 06 de agosto. A festa contou com vasta programação secular e religiosa que pertence ao espaço sagrado e há também a inserção de diversas atividades profanas atípicas ao significado religioso como, por exemplo, *shows* de gêneros musicais variados, esportes, dentre outras atividades. Ainda podemos destacar que o espaço profano desta festividade religiosa pode ser constatado pela presença de símbolos profanos, como as barracas que vendem bebidas alcóolicas. Elas foram inseridas pelo poder público municipal como meio de potencializar o desenvolvimento local a uma festa tradicional.

Figura 5: Barraquinhas postas durante a realização da 365ª festa do Santíssimo Salvador.



Fonte: PMCG, 2017.

As celebrações religiosas começam sempre com oração da novena, às 18h30, seguida pela missa às 19h. Estas ocorreram entre o dia 28 de julho e o dia 5 de agosto.

É uma festa que integra a Prefeitura e a Igreja, o Esporte, a Cultura e o Lazer, a Comunicação, e outras secretarias, na realização de diversas atividades culturais, muitas delas voltadas à valorização do Idoso, entre outras atrações. Será algo bem diversificado, dentro das atuais possibilidades do governo, que irá prestigiar os artistas e bandas de Campos, além dos já tradicionais shows católicos. Trata-se de um evento muito importante para a nossa cidade — disse Daniela lembrando que a festa vai contar com as barracas das entidades sociais ligadas à Coesa (PMCG, 2017).

No dia 06 de agosto, dedicado especialmente ao santo padroeiro, as atividades religiosas da festa começaram logo cedo, com celebração da missa às 7h, voltando a ser celebrada às 10h e às 15h. Já às 16h, aconteceu a procissão do Santíssimo Salvador, momento este que o santo padroeiro saiu da sua casa e percorreu o território religioso da Festa no espaço urbano campista. A celebração da procissão foi realizada pelo Dom Roberto Francisco Ferrería Paz. Logo ao final da procissão, na chegada à Praça São Salvador, a imagem do santo padroeiro ficou exposta para os fiéis e os demais sujeitos participantes da festa religiosa.

Figura 6: Imagem do Santíssimo Salvador durante a procissão em 2017.



Fonte: PMCG, 2017.

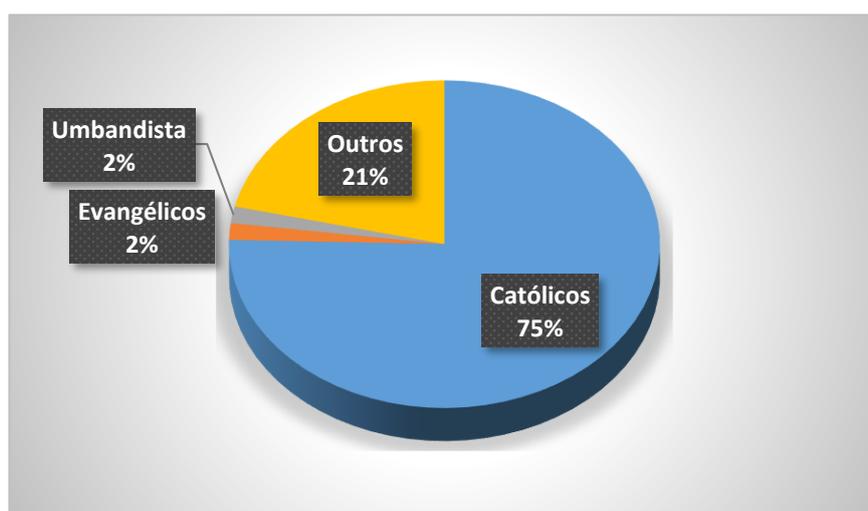
Figura 7: Fim da procissão do Santíssimo Salvador durante a festividade religiosa em 2017 com a celebração realizada pelo Dom Roberto Francisco Ferrería Paz.



Fonte: PMCG, 2017.

Por meio do trabalho de campo e da aplicação dos questionários semiestruturados no dia 06 de agosto, durante a 365ª festa do Santíssimo Salvador, obtivemos alguns dados de caráter quantitativos e qualitativos que permitiram nos aprofundarmos na observação sistemática. Nesse sentido, foram entrevistados no total de 61 pessoas (100%), sendo 34 mulheres (56%) e 27 homens (44%). Nos interessava saber o perfil dos sujeitos presentes na festividade religiosa, pois estes participavam da territorialidade religiosa da festa.

Figura 8: Sujeitos territorializadores da 365ª festa do Santíssimo Salvador.



Fonte: trabalho de campo, 2017.

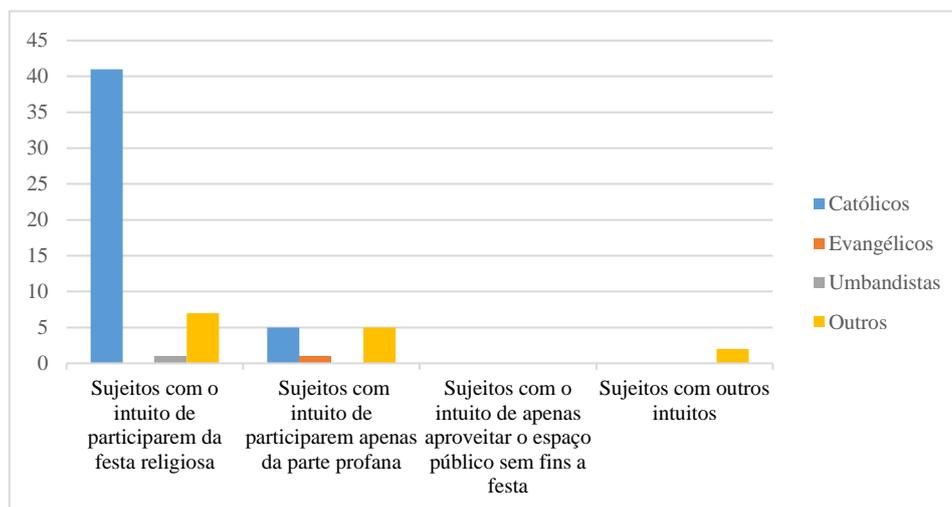
Pelos dados dos questionários semiestruturados aplicados se obteve o número de 75% dos entrevistados se autodeclarando como católicos, 2% como evangélicos e outros 2% como umbandistas. Além, de 21% se consideraram sem religião ou fazem parte de outras religiões.

Com isso, é possível compreender que a festa do Santíssimo Salvador é territorializada por diferentes sujeitos de diferentes segmentos religiosos. Houve relações espaciais no território de interesse religioso e não religioso, porém, as relações espaciais de interesse religioso prevalecem no espaço da Praça. O domínio da Praça fica sob intermédio da Igreja e a organização durante a festividade no espaço sagrado. Já no espaço profano existe a inserção do poder público municipal que contribui para que a festa atenda aos interesses socioeconômicos e culturais da cidade. Poder-se-ia dizer que há uma múltiplas territorialidades?

Os sujeitos que foram entrevistados, se deslocaram de diferentes localidades da cidade e tem diferentes objetivos durante sua participação na Festa. Durante a pesquisa

de campo, nos questionários, interessou saber a localidade de cada sujeito e seu interesse, assim como a simbologia do catolicismo e sua manifestação simbólica e cultural na cidade.

Figura 9: Gráfico de intuítos dos sujeitos entrevistados.



Fonte: trabalho de campo, 2017.

São diferentes os perfis dos sujeitos que participaram da Festa, contudo, há múltiplas territorialidades que foi representada por sujeitos, grupos e classes sociais distintas que participam da festividade religiosa com diferentes interesses, principalmente, pelas apresentações artísticas realizadas pela prefeitura (CAMILO, 2018).

Segundo os sujeitos que responderam o questionário, salientaram que a festividade religiosa é, portanto, uma maneira de se preservar a fé católica e o simbolismo do catolicismo na cidade e a presença do profano não muda ou tira a essência da verdadeira tradição da festa religiosa. Nesse sentido, a festa do Santíssimo Salvador é, para alguns dos entrevistados:

Uma maneira das pessoas conhecerem mais as tradições, festejar. (sic)

É um momento de atrair as pessoas para a Igreja. (sic)

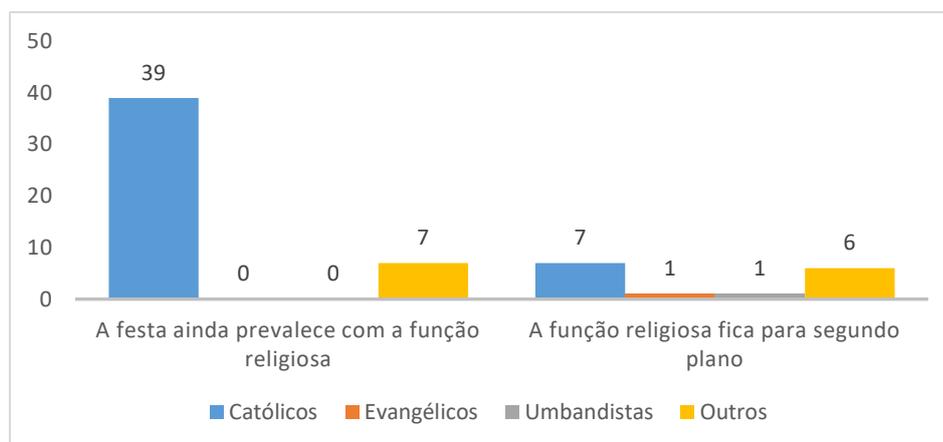
É uma tradição mesmo que a Igreja tem perdido muitas pessoas, até mesmo pela falta de demanda nas missas. (sic)

A festa, sobretudo, é uma tradição da cidade. (sic)

O símbolo da festa é o Santíssimo Salvador e é uma oportunidade para as pessoas prestigiarem o padroeiro da cidade. (sic)

Na figura 10, mostra a perspectiva dos sujeitos referentes a simbologia religiosa da festa na atualidade, ou seja, se mesmo com a inserção de sujeitos não religiosos infere na representação e a função do sagrada na Festa.

Figura 10: A função religiosa da festa.



Fonte: trabalho de campo, 2017.

Segundo a amostragem de dados obtidos, é notório que a festa do Santíssimo Salvador, mesmo que haja a inserção de sujeitos não religiosos e outras religiões que não a católica, que já determinaria múltiplas territorialidades, esta podendo ser somada a outras territorialidades, como a do poder público, por exemplo, não descaracterizam outra manifestação das múltiplas territorialidades que é desenvolvida por sujeitos de diferentes vertentes religiosas. Isto, porque os sujeitos se identificam naquele espaço, ou seja, “a própria territorialidade impera-se como argumento para a construção real do território e é esse o passo mais efetivo no que diz respeito a construção de sua identidade” (LIMA, BERNARDES, 2015, p. 56).

A presença e participação desses sujeitos não é suficiente para interferir e sobrepor a territorialidade que ainda é reconhecida da Festa, visto que “cada festa religiosa percebe que sua singularidade acrescenta sempre novos participantes e forja um *marketing* efetivo para suas próximas edições” (OLIVEIRA, 2007, p.31). Portanto, se pode dizer que a Festa denota uma territorialidade religiosa, mas há a presença de diferentes sujeitos e com isso o poder eclesiástico utiliza e articula entre o grupo religioso e o poder público municipal o meio de potencializar a Festa enquanto símbolo não somente da religião, mas sobretudo, da própria cidade. Nesse contexto, Camilo (2018, p. 329) salienta que “as festas religiosas tradicionais são eventos sociais caracterizados por manifestações sagradas e, ao mesmo tempo, por manifestações profanas”.

O poder religioso, como meio de viabilizar seu território religioso, insere nele simbolismos religiosos que mistificam seu território religioso. Portanto, a festa do

Santíssimo Salvador detém “nas interações espaciais durante a festa não traduzem a dessacralização do símbolo religioso” (MAIA, 2010, p.106), sendo a procissão a maior tradução do símbolo religioso durante a festividade, é a própria essência do poder religioso exercidos por meio da territorialidade religiosa do grupo religioso. Dessa maneira, as representações simbólicas do catolicismo se constituem por objetos simbólicos e simbolizantes que participam do imaginário do grupo religioso e dos demais participantes da Festa, como afirmou um dos entrevistados: “a festa é uma maneira das pessoas conhecerem o padroeiro da cidade”, e, por conseguinte, manifestação do poder religioso do catolicismo popular brasileiro.

Desse modo, percebemos que o território religioso existe das interações/relações espaciais dos sujeitos que participam do sagrado e são membros da Igreja diretamente vinculados ao sagrado (mesmo que sejam leigos participam diretamente do grupo religioso), seja por diferentes questões: religiosas, socioeconômicas, políticas, dentre outros. Isto é, nada mais do que a territorialidade religiosa exercendo seu poder religiosos por intermédio das formas simbólicas materiais e imateriais presentes na festividade.

A procissão ao Santíssimo Salvador: tradição e simbolismo religioso no espaço urbano de Campos dos Goytacazes

A procissão dedicada ao Santo padroeiro é um fenômeno religioso que ocorre no catolicismo e é o ápice do poder religioso imposto por meio do controle no espaço profano. Segundo Rosendahl (2005, p. 51) “a procissão é um cortejo religioso público, de formas ordenadas em alas, em que participam os fiéis onde se fazem preces e são conduzidas imagens de uma ou mais entidade sagrada vinculadas ao tempo sagrado da celebração”. O espaço sagrado da procissão é mantido pelas relações de poder eclesiástico em manter as preces e orações durante a passagem além das fronteiras do seu território religioso. Isso é o que ocorre durante a procissão da 365ª festa do Santíssimo Salvador.

Ao abordar as festas religiosas no território da cidade de Campos dos Goytacazes, Sousa (1935) infere que a procissão do santo padroeiro ocorre por diferentes pontos fixos, isto é, a partir dos territórios das igrejas católicas na cidade. O Santíssimo Sacramento caminha em procissão pelas ruas da cidade com o discurso religioso proferido junto as canções, orações, preces e cantigas religiosas. O “ponto chave” das festividades religiosas de Campos dos Goytacazes estavam calcados na realização da procissão. A procissão é uma prática religiosa e social e corresponde a um dado grupo religioso que impregnam o espaço

urbano por meio da territorialidade religiosa de modo a espacializar seus simbolismos religiosos.

Figura 11: Procissão a Santíssimo Salvador pelas ruas do espaço urbano de Campos dos Goytacazes.



Fonte: PMCG, 2017.

Segundo Camilo (2018), a procissão ao Santíssimo Salvador é realizada nas ruas do espaço urbano de Campos dos Goytacazes e é considerada como símbolo da tradição católica mantida há mais de três séculos. Isto é, a Igreja Católica vem “preservando uma manifestação religiosa que ocorre desde o Brasil colonial” (CAMILO, 2018, p. 319).

Após o nascimento de Cristo, uma importante procissão – celebrada pela Igreja Católica até a presente data – refere-se à Procissão de Ramos ocorrida em Jerusalém, onde Jesus adentrou àquela localidade montado num jumentinho uma semana antes da sua morte, causando em toda cidade um alvoroço e mobilizando toda população a segui-lo em procissão, sendo espalhados ramos de árvores pelo caminho e cantando: “[...] Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!” (Mateus 21,9)³ (CAMILO, 2018, p. 322).

A procissão é o símbolo que se espacializa no espaço urbano e denota o poder religioso exercido por meio da territorialidade religiosa da Igreja Católica desde a colonização em Campos dos Goytacazes.

³ CNBB, 2012, p. 1228.

Mapa 1: Rota da Procissão do Santíssimo Salvador.



Fonte: trabalho de campo, 2017.

A procissão está inserida no contexto dos ritos sagrados do catolicismo e o grupo religioso “têm por objetivo ‘expressar a experiência transcendente do contato com o sagrado’ por meio de uma linguagem simbólica que busca preservar uma tradição (CAMILO, 2018, p. 323). Segundo Camilo (2018), o grupo religioso tem, por conseguinte, o objetivo principal em “manter uma memória de uma tradição religiosa e cultural” por meio da sua territorialidade religiosa. Por meio das respostas dos sujeitos entrevistados, a procissão é uma maneira de expressar a fé católica e comemorar a passagem de Cristo no território sagrado no e pelo espaço urbano como meio de dar visibilidade a uma cultura secular na cidade.

Conclusões

Encaminhando a discussão para as palavras finais, constatamos que foi possível discutir o território e a territorialidade religiosa da Catedral do Santíssimo Salvador e a identidade e o simbolismo religioso mantidos por meio da territorialidade religiosa durante a 365ª festa do Santíssimo Salvador.

Historicamente, a festa do Santíssimo Salvador é uma tradição na cidade de Campos dos Goytacazes. A festividade religiosa é um símbolo que representa o poder religiosos do grupo que mantem o território religiosos por meio da territorialidade religiosa. Ou seja, a territorialidade antecede o território (LIMA; BERNARDES, 2015), porém, não somente do grupo religioso, mas sobretudo, torna-se um símbolo da própria cidade. Enquanto símbolo material a Catedral é visível na paisagem urbana e acompanha a própria história da cidade e da região Norte Fluminense e enquanto símbolo imaterial ocorre pela própria territorialidade religiosa do grupo, mantidas pela tradição das práticas culturais, festas, cantigas religiosas, canções, preces, orações, hóstia sagrada, santa missa, dentre outras.

Poder-se-ia dizer que o território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador é mantido, sobretudo, por meio das relações espaciais realizadas pelo grupo religioso no tempo e no espaço sagrado, ocorrendo dentro e fora do seu território religioso, ou seja, é por meio da territorialidade religiosa que se mantém o território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador. E, portanto, a festa do Santíssimo Salvador e a procissão, tornam-se elementos fundamentais do poder religioso e da produção e reprodução simbólica da religião e religiosidade do grupo, pois participa do seu *imaginalis*. Os símbolos materiais e imateriais do catolicismo corrobora, profundamente, para com a identificação do grupo e do poder que é atribuído ao território religioso. Ainda assim, nota-se que há, na realidade, uma multiterritorialidade presente na festa religiosa.

Na contemporaneidade, há sobretudo, a inserção de sujeitos que não participam do âmbito religioso e, portanto, participam da festividade com o intuito que não se adequa a religião, mas, sim, a festa em si. Entretanto, segundo as amostragens obtidas no trabalho de campo, poder-se-ia dizer que há uma multiterritorialidade, porém, o sagrado não se mistura com o profano e vice-versa. Ainda assim, a festa hoje, continua com as características elementares para com a identidade religiosa exercida pela territorialidade religiosa do grupo religioso por meio da sua fé denotando o espaço sagrado da praça enquanto *hierofania*.

Referências

BERNARDES, Antonio; NOGUEIRA, Fernanda de Faria Viana; SOUZA, Thaís Dias de. Sujeito, identidades e as redes sociais virtuais. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.11, n.1, p. 42-60 jan/jun. 2017.

BENEDETTI, L. R. Templo, praça, coração. A articulação do campo religioso católico. São Paulo, **humanistas publicações**/ FFLCH/USP-CER, 2000.

CAMILO, K. A. P. J. O sagrado e o profano na tradição católica da Festa do Santíssimo Salvador em Campos dos Goytacazes/RL. Revista **Unitas**, v. 5, n. 2, 2017.

CARBALLO, Cristina Teresa. Repensar el territorio de la expresión religiosa. In.: CARBALLO, Cristina Teresa. (Orgs.). **Cultura, Territorios y prácticas religiosas**. 1ª edição. Buenos Aires, Ed: Prometeus Libros, 2009, p. 19-42.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Arcádia, 1979.

_____. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1959.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In.: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato; (Orgs.). **Geografia Cultural**: Uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

_____. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. 1ª edição. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades@. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/campos-dos-goytacazes/> Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

JURKEVICS, Vera Irene. Festa Religiosas: A Materialidade da fé. **Revista História**: Questões e Debate, Curitiba, n.º. 43, p73-86, 2005.

LAMEGO, Mariana. A territorialidade da Igreja Católica no Estado de Minas Gerais. **Revista Espaço e Cultura**. UERG: Rio de Janeiro, n.º. 17 – 18, p. 119 – 127, 2004.

LIMA, Verônica Rodrigues Azevedo Almeida de Lima. Territorialidade, Corporeidade e Lugar: Os bailes funk em Campos dos Goytacazes-RJ. **Geofronter**, UECG: Campo Grande, n. 1, v. 1, jul/dez de 2015, p. 47-66.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ritual e emoção nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). In.: ROSENDAHL, Zeny. **Trilhas do Sagrado**. 1º edição. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

NETO, Nécio Turra. Espaço e Lugar no debate sobre Território. **Geograficidade**, Niterói, ano II, v. 5, n.1, p. 52 – 59, 2015.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. FESTAS POPULARES RELIGIOSAS E SUAS DINÂMICAS ESPACIAIS. Mercator - **Revista de Geografia da UFC**, vol. 6, n.º. 11, 2007, p. 23-32.

OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues de. Veni, Creator Spiritus e o Movimento de Renovação Carismática Católica: estratégias espaciais de difusão da fé na pós-modernidade. **Revista Espaço e Cultura**. UERJ, RJ, n.º. 37, p. 137-155, jan./jun. de 2015

PREFEITURA DE CAMPOS. Festa do Santíssimo: programação religiosa começa na segunda. Disponível em: <http://campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=26576>. Acessado em: 20 de abril de 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Festa do Santíssimo salvador começa nessa 6^o.** Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=40838 Acessado em: 01 ago. 2017.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** 1ª Edição, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1996.

_____. O sagrado e sua dimensão espacial. In.: ELIAS, Iná de Castro; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato; (Orgs.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2012.

_____. Espaço, cultura e religião: Dimensões de análise. In.: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato; (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2003.

_____. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In.: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

SANTOS, Maria da Graça Mougá Poças. Religião y dinámica espacial. Del espacio y de los lugares sagrados al território religioso. In.: CARBALLO, Cristina Teresa; (Org.). **Cultura, territórios y prácticas religiosas.** Buenos Aires: Prometeu libros, 2009, p. 195-212.

SOUSA, Horacio. **História do 1º Centenário da cidade de Campos dos Goytacazes 1835 – 1935.** 20 ed. Campos dos Goytacazes: Ed. Essentia, 2014. 445p.

Submetido em : setembro de 2020

Aceito em: março de 2021